

EDITORA



UnB

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman  
Márcia Cristina Maesso  
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato  
Ana Giulia de Araújo Conte  
Aline Vidal Varela  
Muriel Romeiro da Costa e Silva  
Alessandra Carvalho Vieira da Silva  
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa  
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro  
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

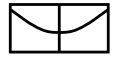
EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira  
**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



**UnB**

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman

Márcia Cristina Maesso

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato

Ana Giulia de Araújo Conte

Aline Vidal Varela

Muriel Romeiro da Costa e Silva

Alessandra Carvalho Vieira da Silva

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro

Fabício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais**

**Coordenação geral** : Thiago Affonso Silva de Almeida  
**Consultor de produção editorial** : Percio Savio Romualdo Da Silva  
**Coordenação de revisão** : Denise Pimenta de Oliveira  
**Coordenação de design** : Cláudia Barbosa Dias  
**Revisão** : Lara Andressa da Silva Carvalho  
**Diagramação** : Lislaynne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

---

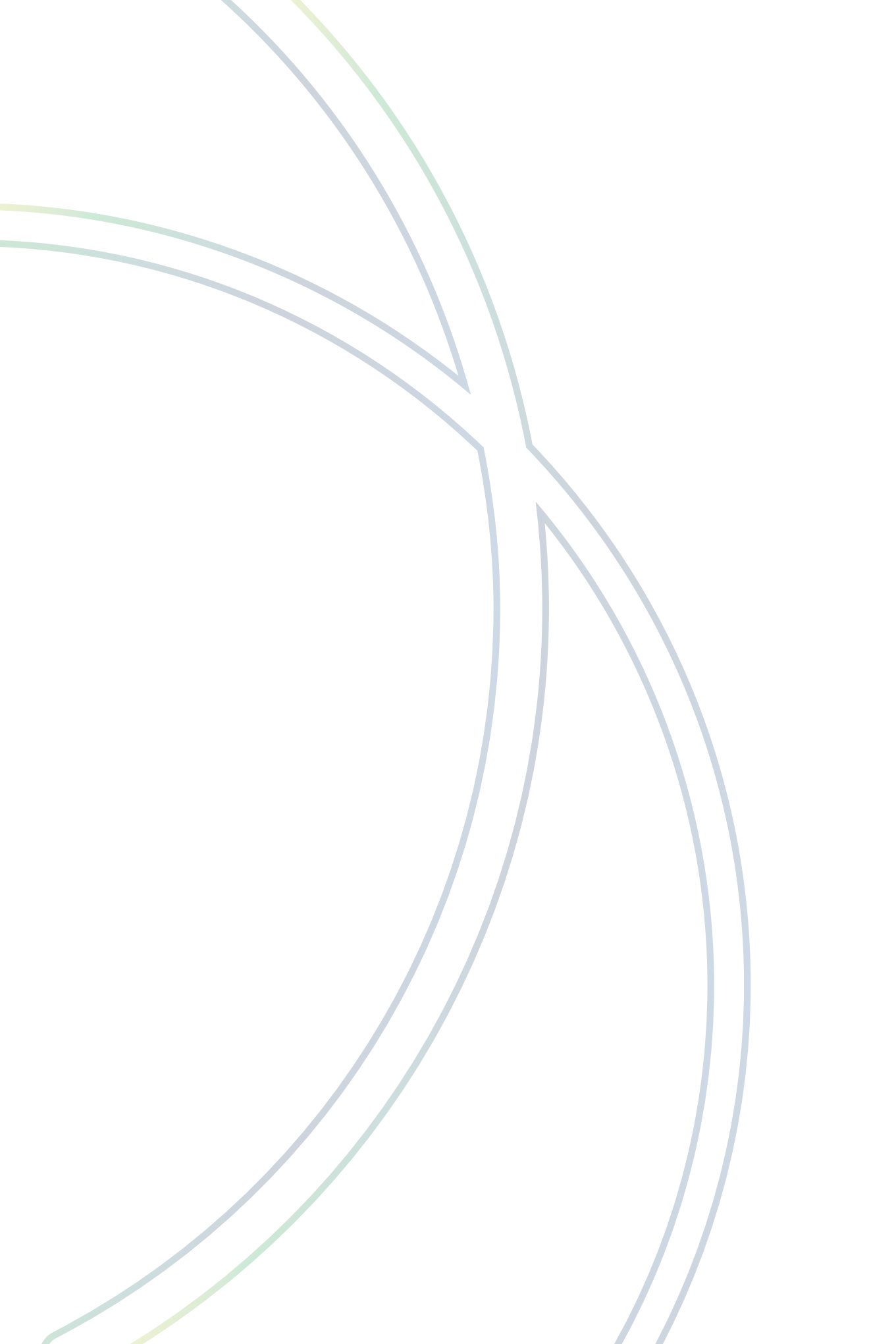
I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :  
subjetivações e cultura / (organizadores)  
Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :  
Editora Universidade de Brasília, 2024.  
218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

Formato PDF.  
ISBN 978-65-5846-067-1.

1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,  
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2

Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.



# Sumário

## **Apresentação 11**

## **Prefácio 13**

Miriam Debieux Rosa

### Parte I

## **Psicanálise e parentalidade**

### **Psicanálise e maternidade 21**

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

### **Parentalidade contemporânea 33**

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

### Parte II

## **Psicanálise e relações raciais**

### **Cabelo crespo e pele escura 47**

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

### **Violência, trauma e memória 57**

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

### **O racismo estrutural na transmissão psíquica 69**

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

### Parte III

## Psicanálise, arte, literatura e cultura

### Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

### Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

### A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

### Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

### Parte IV

## Psicanálise e trabalho feminino

### Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

### Parte V

## Psicanálise extramuros/ políticas públicas

### Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

### O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso



## **Até o osso 159**

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

## **Parentalidade e saúde pública 173**

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

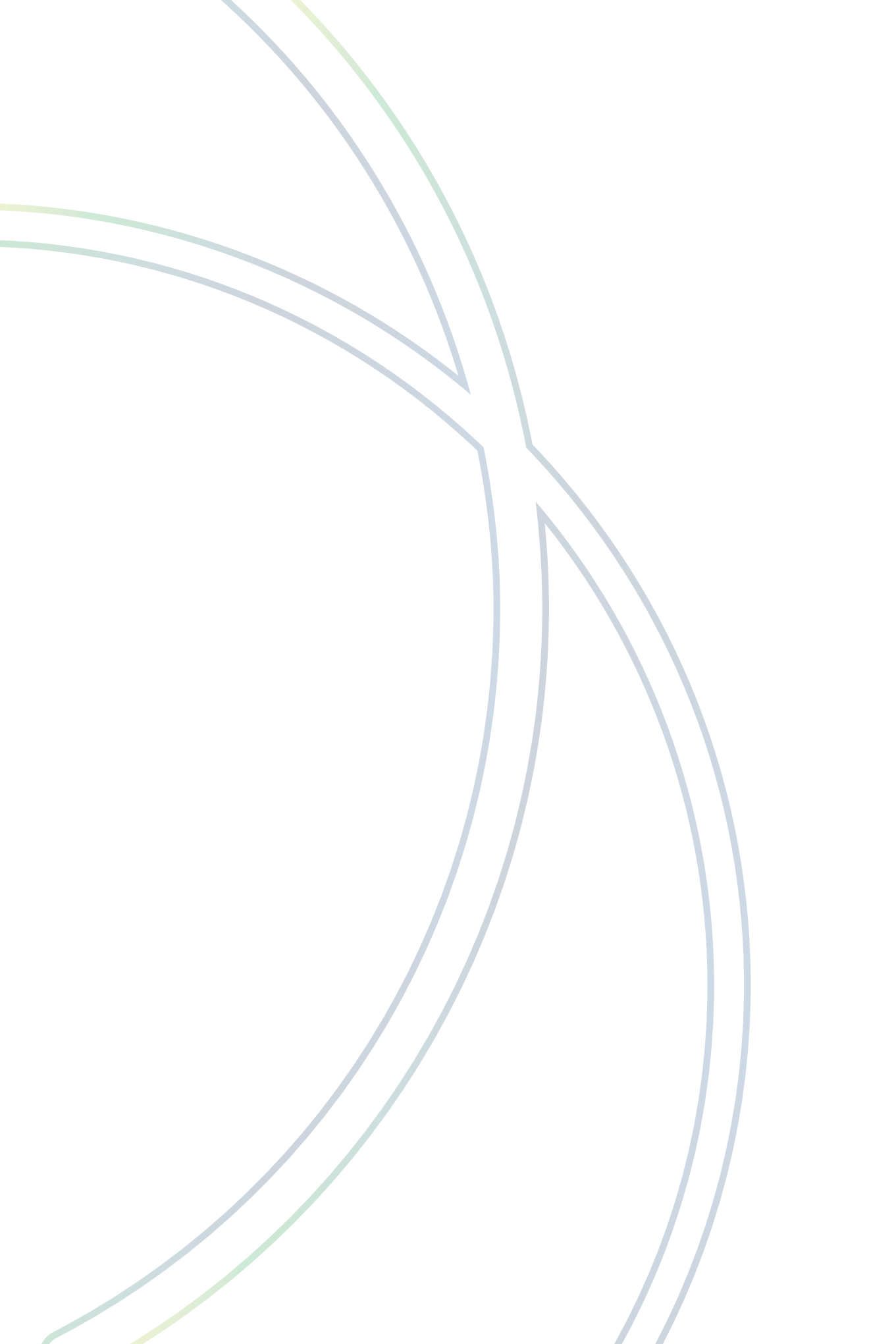
## **A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187**

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela,  
Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

## **Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199**

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

## **Sobre os autores e organizadores 211**



# Apresentação

A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

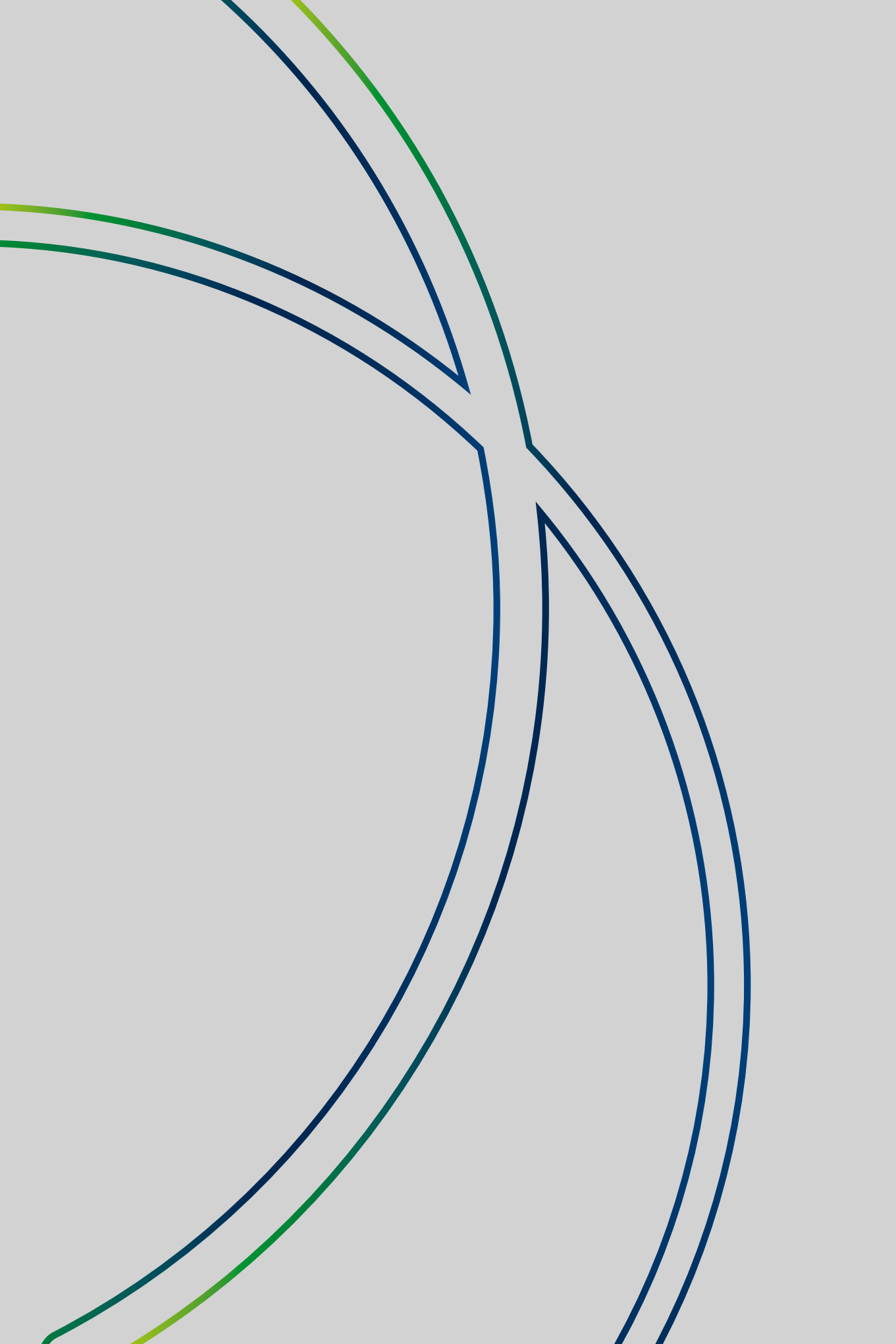
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



# Psicanálise e relações raciais

Parte II

# O racismo estrutural na transmissão psíquica

*Uma análise psicanalítica*

Alessandra Carvalho Vieira da Silva  
Eduardo Portela

A partir de conceitos da Psicanálise, este texto analisa o racismo como elemento presente nas transmissões psíquicas através das gerações. Para essa abordagem, foi adotada a concepção de que o racismo no Brasil é estrutural, construído ao longo de séculos de exploração dos corpos negros. O racismo organiza a sociedade que naturaliza a exclusão dos negros nos locais de poder, destinando a seus corpos diversas formas de violência. Supomos que essa estrutura interfira na constituição subjetiva desses sujeitos, sendo objeto de transmissão psíquica em seus primeiros laços e vínculos afetivos, uma vez que são repassados os conteúdos intergeracionais através das tradições, leis, rituais, crenças, de forma escrita ou oral nas relações em conjunto com o repasse de conteúdos transgeracionais, os quais estão relacionados ao não-dito, ao não-representado, ao recalcado, que passa por um processo de tentativa de apagamento e esquecimento. Em ambas as formas de transmissão, o traumático e a violência estão presentes: seja na tradição que condena e oprime por meio de leis e crenças; seja pelo não representado que conduz à repetição compulsiva de violências. Assim, indicamos o conceito de *Nachträglichkeit* que nos colocará diante das noções de traumático – que se manifesta a posteriori, repetindo um passado que não passa – e de memória – que é instável e passível de transformações. Enquanto de um lado o texto indica a importância dos laços parentais como possibilidade de transformação, de outro lado, indica a necessidade de uma construção histórica que nos conduza a sair do esquecimento e a construir uma memória histórica que fure a estrutura social que violenta determinados corpos.

## Ecos geracionais

O ponto de partida deste texto é a voz, em forma de poesia, de uma mulher negra:

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.  
A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.

(Evaristo, 2008)

A poesia de Conceição Evaristo, intitulada *Vozes-mulheres*, aponta para um passado que se faz presente por meio de vozes que perpassam cinco gerações de mulheres. Cada uma delas carrega marcas da escravidão, de acordo com seu contexto histórico e social. Essas marcas são feridas abertas que compõem tanto as histórias particulares, familiares, quanto as estruturas sociais brasileiras. Os versos apresentam a história de violência e exploração que se traduz pelo sequestro de corpos negros, pelo derramamento de sangue, pelas infâncias perdidas, pela fome e pelas vozes caladas.

As diferentes vozes se unem por uma história construída a partir de elementos transmitidos entre as gerações, nos quais estão as vivências traumáticas que repercutem na



constituição psíquica e social desses indivíduos. Freud (2010 [1937-1939]) designou o termo “heranças arcaicas” para nomear esses elementos transmitidos. Sendo assim, a cadeia relacional do poema de Conceição Evaristo percorre o processo traumático que faz eco em gerações futuras, as quais estão marcadas na pele pelas tragédias do sofrimento sociopolítico, caracterizado pelo silenciamento de suas vozes, e lançadas ao lugar de resto social (Rosa, 2018). O resgate dessas vozes ecoadas refletem, ainda hoje, a violência da escravidão, e faz-se essencial para a historicização e a visibilidade da população negra.

Nesse sentido, temos atravessamentos entre diferentes campos: aquilo que se constitui singularmente; aquilo que se dá nas relações primordiais e familiares; e o que diz respeito ao campo social e histórico. Dessa forma, tensionamos a ideia de que há fronteiras bem definidas entre o individual/singular e o social/histórico, e ratificamos a noção de que não há sujeito sem alteridade, ou melhor, o sujeito se constitui pela alteridade (Safatle, 2012). Portanto, nos valemos da metáfora da banda de moebius para indicar a indeterminação entre o interno-externo ao sujeito (Chatelard; Portela, 2021).

Com este horizonte, pode-se dizer que estão contidos diferentes campos no poema: do individual/singular, ao considerarmos a narradora; do familiar e sua história geracional, ao analisarmos a história da família; e, por fim, do social, quando levamos em consideração que a realidade relatada faz parte de um contexto coletivo, de uma realidade social. É nesse sentido que buscou-se trabalhar no presente capítulo a articulação entre algo que diz respeito ao sujeito, mas que está implicado em uma realidade social.

A cultura e a civilização seriam criações humanas que amenizariam essa condição de desamparo. Dessa forma, ao falarmos em sobrevivência, podemos fazer um recorte e nos referir a sujeitos que, historicamente, estão mais suscetíveis à vulnerabilidade e a revivência traumática do desamparo. Sujeitos que estão mais expostos às três principais fontes de mal-estar que Freud (Freud, 2020 [1930]) propõe: a fragilidade do corpo; ao ambiente externo; e aos conflitos em relação ao Outro,<sup>5</sup> ou seja, três vulnerabilidades. No Brasil, um recorte de classe, gênero e raça denuncia quem são os mais vulneráveis (Oliveira, 2019).

Com o conceito de transmissão psíquica, tendo como suporte as noções de transgeracionalidade e intergeracionalidade, foi observado que há elementos de estruturas sociais que são transmitidas pelas gerações. Isso se dá através, também, da parentalidade e da formação dos primeiros laços do sujeito. Com esses conceitos estabelecidos, avancemos para o próximo tópico.

---

<sup>5</sup> Primeiramente, no que diz respeito à fragilidade do próprio corpo, nos referimos a um corpo que está suscetível ao desamparo, que muitas vezes não têm acesso aos serviços de saúde, ou os próprios serviços de saúde não o atendem. Um exemplo disso é discutido em Oliveira (2019), onde a autora aponta que 60% da mortalidade materna ocorre entre mulheres negras, enquanto 34% ocorre entre mulheres brancas. Assim, infere-se a questão racial, mas também o recorte de classe social. No que diz respeito ao ambiente externo, podemos citar o racismo ambiental, em que os impactos dos desastres sociais e ambientais recaem, consistentemente, nas classes mais vulneráveis, correspondendo, em extensa maioria, à população negra. E, por fim, citamos os conflitos interpessoais como causa de mal-estar e sofrimento psíquico.

## Alguns apontamentos sobre a parentalidade e a transmissão psíquica

A constituição psíquica é formada a partir do relacionamento com um outro humano. Retomando casos emblemáticos como o de Victor de Aveyron, uma criança selvagem encontrada sozinha em uma floresta na França no século XVIII, é possível perceber a importância da intersubjetividade na formação subjetiva. Os anos sem contato humano, tornaram as tentativas de aprendizagem da língua e o processo de comunicação tarefas frustradas para Victor. Casos como esse demonstram que nenhum humano se humanizou sem a relação com outros seres humanos. Como um grupo social menor, a família seria o lugar privilegiado onde o bebê interage com outras pessoas, pois contém a interação física onde o ambiente atende às suas necessidades, e a interação psicológica que é a base para a formação de sua subjetividade. O bebê deve “estar com” para se tornar humano, em uma relação em que possa se sentir compreendido e assim compreender o outro, partilhando estados mentais em uma comunicação primitiva (Houzel, 2010).

Ao longo da história, a estrutura e as funções dos membros da família sofreram inúmeras modificações, seguindo as transformações da modernidade. Felippi e Itaqui (2015) apontam mudanças na estrutura familiar a partir da Revolução Francesa. A família pré-moderna era regida pelo sistema patriarcal, tendo como principal função transmitir o patrimônio. Já na idade moderna, a família é a estrutura base da sociedade, passando a imperar o que chamamos de família nuclear: pai, mãe e filhos. As famílias monogâmicas, com consentimento mútuo e com o ideal de amor, começam a ser privilegiadas a partir desse período. O lugar da mulher fica marcado pela organização do lar e cuidado do casamento e filhos, com a ascensão do amor romântico e o mito do amor materno. O lugar da criança também é modificado: agora não sendo mais um pequeno adulto, mas sim o futuro da nação. Para que esse futuro aconteça, o Estado passa a dar importância para a educação e a saúde. O papel da mulher é essencial para essa nova economia política, pois ela é a responsável pelo investimento doméstico, enquanto o pai é o provedor financeiro. Temos então a tríade isolada e autocentrada, conhecida também como família burguesa, modelo ideal que passa a ser almejado.

Organizações diferentes do modelo de família burguesa foram marginalizadas, sendo vistas e abordadas como famílias desestruturadas. Transformações contemporâneas datadas da metade do século XX trouxeram a perda da força simbólica do casamento com a possibilidade de divórcio. O uso de métodos mais eficientes de controle de gestações, as novas configurações dos papéis de gêneros, as conquistas das mulheres no mercado de trabalho, a oficialização de uniões homoafetivas, com filhos ou não, e outras tecnologias de reprodução são alguns dos exemplos dessas mudanças. Definir “família”, pensando nos novos acertos contemporâneos, torna-se uma tarefa difícil e complexa a ser pensada sob a luz dos valores burgueses. Podemos entendê-la por laços consanguíneos (englobando assim várias gerações) ou por adoção, ou casamento. Para alguns, a família

estaria em decadência, porém Roudinesco (2003) reafirma que ela está em constantes modificações, adaptações e reinvenções.

As diversas organizações de família, com todas as mudanças culturais e os desenvolvimentos tecnológicos, não extinguem a necessidade do humano para a constituição de novos sujeitos em qualquer época. Um humano que erotizará o corpo da criança, transmitindo heranças geracionais e a introduzindo no laço social (Iaconelli, 2019). Enfatizamos a necessidade do humano, da parentalidade. Como nos lembra Garrafa (2020), gerar e parir não garantem o lugar parental. Todo bebê deve ser adotado por um adulto que entrará na posição parental em uma atitude, um ato de assumir a função de mãe ou pai.

A definição de parentalidade abarca toda a complexidade das funções maternas e paternas no desenvolvimento da criança, além da inserção no laço social, que inclui o processo de produção de discursos e as condições de desenvolvimento e construção subjetiva de uma nova geração (Gorin *et al.*, 2015). A parentalidade não pode ser pensada isolada no tempo e espaço, como se houvesse uma maneira de evitar ou controlar o processo de transmissão. Não é possível um higienismo psíquico, que afastaria as novas gerações de traumas transgeracionais, ou, até mesmo, de qualquer forma de sofrimento e mal-estar. Não é possível uma transmissão livre de ruídos, pois aqui estaríamos apagando o próprio sujeito que se deparará com o estranho em sua formação psíquica (Iaconelli, 2020).

O processo de transmissão psíquica – entendida como “[...] fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história, afetos de uma pessoa para outra [...]” (Trachtenberg, 2006, p. 4) – é inevitável nas relações de comunicação primitiva entre a parentalidade e o bebê que se humaniza, como também em fenômenos de paixões de massa, na ideia da criança que acredita que seus pais conhecem seus pensamentos, assim como nas experiências religiosas.

Freud (2010, [1914-1916]) coloca a criança como elo individual na cadeia de transmissão geracional, de forma que todo bebê, inevitavelmente, entra em contato com heranças, que são os objetos de transmissão. A relação com outras estruturas envolve a identificação de questões que podem ou não ser encontradas no campo do trauma. É esse processo de transmissão que vincula o sujeito de forma semelhante às gerações anteriores por meio da herança, o que afeta seu processo de formação.

As heranças geracionais são mobilizadas a partir do contato do adulto com a criança, que desperta antigos materiais psíquicos de experiências e fantasias que irão interferir na sua relação de cuidado, remetendo a sua história pregressa (Golse, 2019). Para Freud (2010 [1914-1916]), a criança carrega em si a esperança de corrigir a história infantil dos pais. O mundo fantasioso dos adultos, construído a partir de seu lugar na cultura e de seu próprio investimento narcísico, tornam-se elementos importantes na recepção desse novo sujeito. Memórias e sentimentos são revisitados e a criança herda um legado de fantasias construídas pelos adultos a partir de experiências traumáticas infantis. Essas experiências e expectativas anteriores influenciam a relação entre eles e, no processo de transmissão, a criança tem um lugar no romance desenvolvido (Ciccone, 2014).

O *infans* é investido em uma tarefa que faz parte da transmissão dos fantasmas parentais, incorporando expectativas passadas, tanto conscientes quanto inconscientes. De um lado, temos a transmissão do que é dito e escrito nas leis, tradições culturais, manifestadas pelos rituais, costumes, pelas crenças e pela moral de uma determinada sociedade ou família. A esta forma de transmissão dá-se o nome de intergeracional (Trachtenberg, 2005). A transmissão intergeracional está no reino da fantasia, tradição e história, e vem no sentido de vínculo, pois é possível uma diferenciação do sujeito em relação ao que lhe é transmitido. Ou seja, aquilo que é herdado de uma geração para a outra é passível de transformação a partir do que já lhe é dado (Trachtenberg, 2005). Ela faz parte das transformações geracionais ocorridas tanto entre relações familiares, parentais, quanto em relação às transformações que atingem os campos sociais e culturais. Nessa forma de transmissão psíquica, portanto, compreende-se que algo que se transforma carrega em si traços de seu passado, mas não se traduz como uma cópia daquilo que já foi.

Por outro lado, temos a transmissão psíquica transgeracional. Ela se refere ao que é transmitido a partir do esquecimento; da não-história; dos não-ditos; sem representação; passível à repetição compulsiva. Pode-se dizer que aquilo que é transmitido e não é elaborado psiquicamente, é passado entre as gerações por um saber-não-sabido. Nela encontramos, a partir da história de um grupo ou família, o que não foi representado, ou seja, da ordem do traumático não-elaborado (Trachtenberg, 2005).

De acordo com o conceito de transgeracionalidade proposto pela autora, aquilo que não é elaborado, ou devidamente simbolizado, também é passível de transmissão entre sujeitos. Destaca-se “a idéia de que no inconsciente de um sujeito se enquista uma parte do inconsciente de um outro, que o vem habitar como um fantasma, assim como o mandato imperativo que o ancestral faz pesar sobre a sua descendência” (Trachtenberg, 2005, p. 124). Assim, podemos pensar na transmissão entre gerações daquilo que nem ao menos é conhecido simbolicamente, dito e nomeado – aquilo da ordem do não-dito. As relações raciais se configuram nesse campo, encobertas pelo mito da democracia racial.

### Uma análise do racismo estrutural no Brasil

As palavras de Conceição Evaristo, contêm gerações parentais permeadas pela dor de vivências as quais foram atravessadas por violências, denotam como a negritude pode ser um fator a mais de angústias. O mal-estar advindo das gerações anteriores sofreu transformações ao longo da história familiar. Passando dos porões de um navio, pela exploração dos escravizados, até o trabalho doméstico e precarizado. Apesar das transformações no que diz respeito ao campo sócio-histórico, fruto de organizações sociais e luta por direitos, restos do passado se preservaram. Ou seja, a voz das diferentes gerações ainda ecoa sofrimento.

As vivências individuais estão inseridas no laço social, logo não podemos pensar que a parentalidade negra não carrega medos em relação às violências direcionadas aos seus corpos. O racismo pode trazer para a parentalidade a sensação de incapacidade de proteção, visto os episódios de violência que foram alvo no decorrer da vida. O mal-estar relacionado ao racismo perpassa a negação com o mito da democracia racial. O discurso que o racismo não existe é confrontado com a experiência do sujeito que vivência no seu cotidiano o racismo estrutural enraizado e invisibilizado (Munanga, 2017).

O racismo opera de maneira complexa em nosso país, indo além da injúria racial dirigida de uma pessoa para outra. Ele está enraizado nas instituições e estrutura sociais. Almeida (2019) aponta como racismo é estrutural, pois é naturalizada a exclusão do negro em locais de poder nas organizações sociais. A população negra está presente em lugares de encarceramento, morte, pobreza e exclusão. Tal naturalização faz com que não haja comoção com o excesso de mortes de pessoas negras nos noticiários ou mesmo que não nos questionemos o número de famílias negras em situação de vulnerabilidade social.

O racismo estrutural escondido no mito da democracia racial opera como um instrumento ideológico e de controle social. A naturalização do racismo estrutural se fortalece por meio de um processo de constituição de subjetividades. Os meios de comunicação, a indústria cultural e as instituições educacionais restauram constantemente ideias que moldam o imaginário social numa perspectiva racista.

Uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos” (Almeida, 2019, p. 53).

Enfrentando o racismo estrutural, a transmissão parental transgeracional poderá conter significações presentes no mito negro proposto por Souza (1983), no qual uma cadeia de significados sociais onde o sujeito preto é definido como irracional, feio, ruim, sujo, exótico, submisso, superpotente (fisicamente e sexualmente, endossando a crença de animalidade), incivilizado, sem valores e sem humanidade. Constituído de imagos fantasmáticos, o mito negro está na nossa formação social, fazendo parte das heranças parentais. Com uma transmissão de significação contidos no mito negro, a criança negra poderia se identificar com ódio pelo próprio corpo, interferindo na construção do corpo erótico criativo necessário para o trabalho e perpetuando um lugar de submissão e exclusão social (Rosa, 2018).

Mudanças no laço social são essenciais para modificar a relação entre a história de cada um e o lugar discursivo pertencente aos sujeitos negros, transformando o mal-estar social a partir de valores e da história e resgatando os sujeitos à crença de não ter lugar social (Rosa, 2020).

## A temporalidade do trauma e a construção histórica

A Psicanálise nos indica, desde o conjunto conceitual que forma sua teoria até suas recomendações técnicas, a importância do processo de elaboração psíquica através da fala. Freud, no texto *Construções em análise* (1996 [1937]), assinala a importância do processo de construção e reconstrução em análise. O autor compara o trabalho de um psicanalista ao de um arqueólogo, o qual, a partir de ruínas, documentos e fragmentos arqueológicos, compõe e constrói uma história: a partir de fragmentos de sua memória, em associação ao presente, o sujeito elabora acontecimentos traumáticos passados que não estavam simbolizados/significados e constrói sua própria história enquanto sujeito.

De acordo com as teorias do trauma na Psicanálise, destaca-se o conceito de temporalidade do trauma. Para que haja uma ruptura traumática é necessário, ao menos, dois momentos: um acontecimento excessivamente intenso que impossibilite ao sujeito qualquer tipo de elaboração; e um segundo acontecimento, que carregue traços que possibilite a rememoração do primeiro acontecimento, e aí sim, o sujeito significa o primeiro acontecimento enquanto algo insuportável, intensamente sofrido (Portela, 2023).

Portanto, há uma descontinuidade e indeterminação da significação dos acontecimentos no decurso da vida de uma pessoa, ou seja, as memórias estão sujeitas a mudanças em suas formas e significações. Por exemplo: um acontecimento, no presente, pode ser vivido de forma apática ou sem compreensão dos fatos ocorridos, mas, posteriormente, pode ser significado como algo terrivelmente sofrido. De acordo com Safatle, a rememoração “estaria muito mais próxima da possibilidade de dissolução de causalidades fechadas através de reinscrições contínuas: *Há uma performatividade própria a todo ato de lembrar*” (2012, p. 209). Assim, o processo de elaboração psíquica e construção em análise se dá a partir das significações – ou reinscrições – contínuas, não havendo uma memória plena.

Dessa forma, destaca-se que compreender as manifestações do racismo estrutural na sociedade brasileira e nomeá-las, significá-las, nos indica algum horizonte de transformação. Através da possibilidade de significação e historicização das violências raciais, o traumático que é transmitido intergeracionalmente pode ser inscrito e lembrado com a função de não repetição das mesmas violências. Neste sentido, violências que foram vividas, mas que não foram significadas, podem passar por este processo elaboração e tradução – rompendo a transmissão inter/transgeracional. Este processo deve ser feito pelos diversos campos: seja pela parentalidade; ou por meio de uma construção histórica de uma sociedade, que reconheça e lembre daquilo que não pode ser repetido.

Por fim, a escuta psicanalítica frente ao desamparo social pode ser um resgate do sujeito do desejo, quebrando os processos de manutenção de situações de vidas na posição de resto social. A ética psicanalítica rompe com o discurso social de dominação do outro e perpetuação da pobreza, segregação e racismo (Rosa, 2020). Podendo ser, assim, um espaço que possibilitaria um novo processo tradutivo para expansão desse corpo erótico. Intenções e apoio a iniciativas coletivas como as clínicas sociais, programas sociais de

inclusão escolar e no mercado de trabalho são resgates que podem contribuir com a reparação histórica necessária para a população negra no Brasil.

Retornando ao poema de Conceição Evaristo: “na voz de minha filha; se fará ouvir a ressonância; O eco da vida-liberdade”. Com este horizonte, a Psicanálise pode contribuir enquanto um campo que, a partir da fala e da voz, possibilite a escuta de vozes que ecoam uma transformação estrutural.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

CHATELARD, D. S.; PORTELA, E. Metodologia de pesquisa em Psicanálise: possíveis caminhos da Psicanálise na universidade. In: *Estratégias Metodológicas de Pesquisa em Psicologia Clínica: possibilidades e avanços*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2021.

CICCONE, Albert. Transmission psychique et parentalité. *Cliopsy*, v. 11, n. 1, p. 17-38, 2014. Acesso em: 25 mar. 2023.

EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres. In: *Poemas de recordação e outros movimentos*. 3. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FELIPPI, Geisa; ITAQUI, Luciara Gervasio. Transformações dos laços vinculares na família: uma perspectiva psicanalítica. *Pensando famílias*, v. 19, n. 1, p. 105-113, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciabstract&pid=S1679-494X2015000100009>. Acesso em: 25 mar. 2023.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2010. (Selo Companhia das Letras).

FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo. In: *Moisés e o Monoteísmo: esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). In: *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GARRAFA, Thais. Primeiros tempos da parentalidade. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA Thais; IACONELLI, Vera (org.). *Parentalidade 1*. São Paulo: Autêntica, 2020, p. 55-69. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).

GOLSE, Bernard. O que o bebê transmite aos adultos. *Cadernos de Psicanálise CPRJ*, v. 41, n. 41, p. 11-20, 2019.

GORIN, Michelle Christof *et al.* O estatuto contemporâneo da paternidade. *Revista da SPAGESP*, v. 16, n. 2, p. 3-15, 2015.

HOUZEL, Didier. *La Transmission psychique: Parents et enfants*. Paris: Odile Jacob, 2010.

IACONELLI, Vera. [Dossiê] Parentalidade e Vulnerabilidade. *Revista Cult*, n. 251, 19 nov. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-parentalidade-e-vulnerabilidades/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

IACONELLI, Vera. Sobre as origens: muito além da mãe. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA Thais; IACONELLI, Vera (org.). *Parentalidade 1*. São Paulo: Autêntica, 2020, p. 11-19. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).

MUNANGA, Kabengele. *As ambiguidades do racismo à brasileira*. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lucia da; ABUD, Cristiane Curi (org.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

OLIVEIRA, Tamiz Lima. Mulheres negras e maternidade: um olhar sobre o ciclo gravídico-puerperal. *Cadernos de gênero e diversidade*, v. 5, p. 12-23, 2019. Acesso em: 25 mar. 2023.

PORTELA, E. *O ciclo da violência intrafamiliar na teoria psicanalítica freudiana: o Nachträglichkeit no trauma e na fantasia*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROSA, Miriam Debieux. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. 2. ed. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2018.

ROSA, Miriam Debieux. Passa anel: família, transmissão e tradição. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA Thais; IACONELLI, Vera (org.). *Parentalidade 1*. São Paulo: Autêntica, 2020. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).

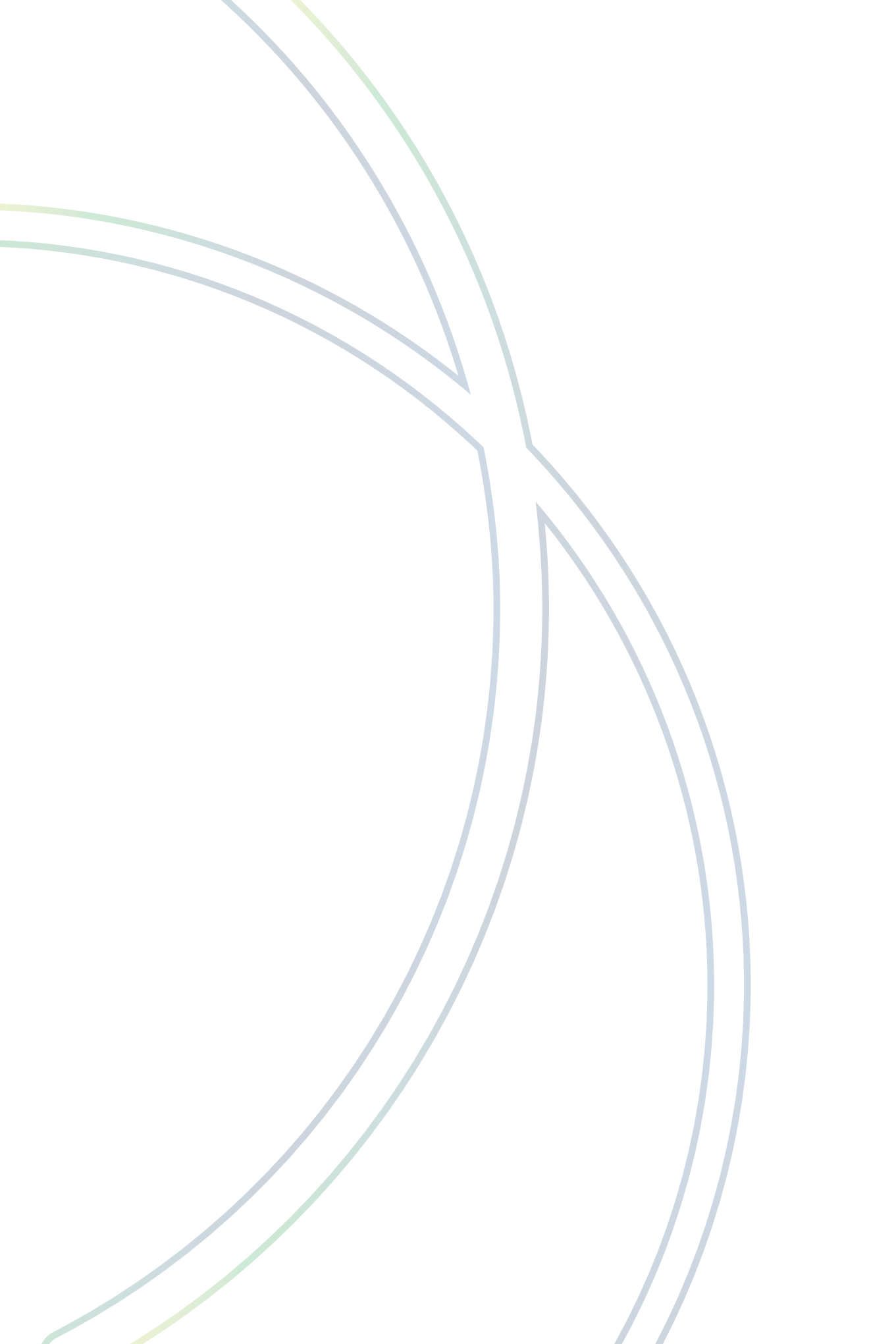
SAFATLE, Vladimir. *Grande Hotel Abismo: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. Trauma, transgeracionalidade e intergeracionalidade: uma transformação possível. In: *Transgeracionalidade – de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.



TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. A força da transmissão entre gerações e o transgeracional: reflexões aos 150 anos do nascimento de Freud. *In: A força da transmissão entre gerações e o transgeracional: reflexões aos 150 anos do nascimento de Freud*, 2006, p. 18-18.



# Sobre os autores e organizadores

**Alessandra Carvalho Vieira da Silva.** Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alessandravcs@gmail.com](mailto:alessandravcs@gmail.com)

**Alexandre Staerke Vieira de Rezende.** Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: [alexandre.staerke@gmail.com](mailto:alexandre.staerke@gmail.com)

**Aline Vidal Varela.** Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: [alinevidalpsi@gmail.com](mailto:alinevidalpsi@gmail.com)

**Alvinan Magno Lopes Catão.** Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alvinanmagno@gmail.com](mailto:alvinanmagno@gmail.com)

**Amanda Soares Dias.** Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [diasam.asd@gmail.com](mailto:diasam.asd@gmail.com)

**Ana Giulia de Araújo Conte.** Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: [giulia\\_conte@hotmail.com](mailto:giulia_conte@hotmail.com)

**Ana Isabel Pereira.** Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: [anaisabelpsi@outlook.com](mailto:anaisabelpsi@outlook.com)

**Antônio Trevisan.** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

**Carla Sabrina Xavier Antloga.** Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

**Cintia da Silva Lobato Borges.** Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

**Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato.** Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

**Daniela Scheinkman** Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

**Eduardo Ribeiro Vasconcelos.** Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo\_vasconcelos82@hotmail.com

**Eduardo Portela.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

**Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista.** Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

**Elzilaine Domingues Mendes.** Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine\_mendes@ufcat.edu.br

**Fabrcio Gonçalves Ferreira.** Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

**Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral.** Psicóloga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB) e pós-graduanda em Psicanálise com Crianças e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educação (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

**Guilherme Henderson.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Membro da Associação Lacaniana de Brasília (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

**Hugo Martins Gomes da Silveira.** Psicólogo pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador de Percepção de Qualidade em Prestação de Serviços. Pesquisador de Saúde Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

**Igo Gabriel dos Santos Ribeiro.** Psicólogo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

**Ingrid Fernandes dos Santos.** Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

**Ingrid Mello Pereira Soti.** Psicóloga. Educadora em Diabetes pela Associação Nacional de Atenção ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

**Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa.** Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: isafane.c@gmail.com

**Jean-Michel Vivés.** Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

**Jéssica Nayara Cruz Pedrosa.** Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

**Joyce Juliana Dias de Avelar.** Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

**Juliano Moreira Lagoas.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

**Laene Pedro Gama.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

**Lara Gabriella Alves dos Santos.** Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

**Katia Cristina Tarouquella Brasil.** Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

**Márcia Cristina Maesso.** Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com

**Marco Antônio Coutinho Jorge.** Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

**Melissa Souza Silva.** Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

**Muriel Romeiro da Costa e Silva.** Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

**Nelson de Abreu Júnior.** (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

**Patrícia da Cunha Pacheco.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

**Renato Palma.** Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

**Roberto Medina.** Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

**Samuel Ted Almeida de Pereira.** Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

**Valéria Brisolara.** Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: [valeriabrisolara@gmail.com](mailto:valeriabrisolara@gmail.com)

**Vanessa Correa Bacelo Scheunemann.** Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: [vcbscheunemann@gmail.com](mailto:vcbscheunemann@gmail.com)

**Valéria Machado Rilho.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: [valrilho@gmail.com](mailto:valrilho@gmail.com)

**Vitor Luiz Neto.** Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: [vitorluiz.neto@gmail.com](mailto:vitorluiz.neto@gmail.com)



A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# INTERFACES EM PSICANÁLISE

## Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia